

Inglaterra

Saudades do Brexit

HELDER MACEDO

❗ Odeio cruzeiros marítimos. Essas falsas viagens para parte nenhuma que as agências turísticas (ia escrever funerárias) costumam anunciar nesta altura do ano como quarentenas primaveris de fim de vida. E que consistem basicamente em casais geriátricos em prenúncios de viuvez partirem de um porto para voltarem ao porto de partida. Como se fosse possível regressar de outras vidas que houvesse de permissão, se outras pudesse ter havido. Mas agora muitos nem regressam, ficam de quarentena intransitiva. E portanto agora, nesta confinada Londres primaveril – com sol, calor, céu azul, ruas sem carros e sem gente, árvores como mastros floridos soprados por frescas brisas que parecem vindas do mar – tenho pensado muitas vezes no oportuno aviso do Álvaro de Campos, no Opiário: “Esta vida de bordo há-de matar-me, / são dias só de febre na cabeça / e por mais que procure até que adoeça / já não encontro a mola pra adaptar-me”.

Mas também é verdade, como ele também diz, que “os ingleses são feitos pra existir: a gente



Helder Macedo

Agora é de bom tom bater-lhes (aos enfermeiros) distantes palmas agradecidas. Gente que inclui uma percentagem considerável de imigrantes. Os que o Brexit tenciona mandar às urtigas



Luís Pitarma O enfermeiro português a que Boris Johnson agradeceu

deita um vintém e sai um deles a sorrir”. E de facto, quando vou à rua para o meu passeio diário e aproveito para gastar os possíveis vinténs nas lojas que ainda haja abertas, lá os vejo, se não necessariamente a sorrir por detrás das máscaras protetoras, certamente

a fazerem equânimes filas de quilómetros (bom, está bem, de centenas de metros com intervalos de dois metros) em volta do quarteirão do supermercado local. Desisto e regresso ao meu confinamento. Porque também já se sabe, porque o Álvaro de Campos

também avisou, que “o comissário de bordo é velhaco”.

Que é como quem diz, não se sabe o que vai acontecer até ao fim desta viagem para parte nenhuma. Exceto, é claro, que a partir de certa idade morre-se muito. E também que são os mais pobres de qualquer idade que tendem a morrer antes dos mais ricos de qualquer idade. Prevê-se, em todo caso, que para os sobreviventes vai haver uma recessão económica tão severa quanto foi a grande depressão de há quase um século. Mas quem se vai lixar não serão, por exemplo, os meus simpáticos vizinhos em calafetada quarentena, mas os sacrificiais trabalhadores que neste momento sustentam a vida do resto da população. O chamado pessoal auxiliar, como se o seu “auxílio” não fosse fundamental para a sobrevivência de todos.

POR EXEMPLO, OS DESPROTEGIDOS ENFERMEIROS e enfermeiras nos hospitais superlotados e mal equipados do Serviço Nacional de Saúde. Essas mesmas e esses mesmos que, antes da crise, já eram tão mal pagos que por vezes tinham de recorrer às sopas dos sem abrigo para sobreviverem. A desigualdade económica na Inglaterra é a maior da Europa. Sim, mas agora, todas as quintas-feiras às 20 horas, é de bom tom ir à porta de casa para lhes bater distantes palmas agradecidas. Até o primeiro-ministro Boris Johnson foi à porta dele, antes de o levarem para o hospital e ter sido salvo com o auxílio dessa gente marginalizada por governos como o dele. Gente

Itália

‘Claustrososofias’

ROBERTO VECCHI

❗ Uns 12 anos atrás, num projeto de investigação dedicado à literatura do cárcere, usei um neologismo “claustrososofia” que tentava definir melhor a relação entre conhecimento e confinamento carcerário. Era na verdade uma simples lexicalização de um livro interessante e problemático de um pensador conservador, Carl Schmitt que, durante a detenção pelo seu envolvimento com o nazismo, recolheu alguns escritos publicados no volume *Ex captivitate salus*. A ideia de um “saber da cela” surge com evidência nos muitos escritos que foram produzidos em regime de detenção, de Gramsci a Mandela. O termo, claustrososofia, tornou-se uma ferramenta útil para pensarmos melhor nos *Papéis da prisão*, de Luandino Vieira, e teve um certo

êxito em teses defendidas em algumas universidades de língua portuguesa.

Como acontece com a crítica abstrata, nunca pensei que o termo pudesse encontrar um apego tão autobiográfico, a reflexão sobre o saber no espaço fechado (felizmente doméstico), em tempos como os atuais, de isolamento devido à Covid19. Que saber surgirá das longas semanas em casa que, em Itália, a partir do começo de março se tornaram prescritivas para todos? O vírus está a criar, falo de um dos contextos europeus mais afetados pelo contágio, pela contabilidade assustadora de doentes e mortos, um sentimento de vulnerabilidade profunda. Reinscreveu todos no lugar de vítima, mas de um perpetrador desconhecido, até pouco definível.

O termo recorrente, “distanciamento social”, metaforiza uma condição que altera as relações humanas em profundidade. É suficiente ir às ruas, nos serviços essenciais, para percebermos que o distanciamento não é uma condição sofrida, mas procurada. É a primavera dos medos e dos silêncios das ruas, esta. O que sobreviverá deste distanciamento inédito e normativo, sempre mais entranhado nas relações, é cedo para dizer. Mas haverá muitas mais distâncias no horizonte que nos aguarda. Alguns teimam em pensar num horizonte utópico, pelas fraturas que favorecem as regenerações, outros pelo contrário alimentam ideias distópicas e negativas que perpetuarão as distorções atuais. Conservar a vida, como dizem os



Roberto Vecchi

O vírus está a criar, falo de um dos contextos europeus mais afetados pela contabilidade assustadora de doentes e mortos, um sentimento de vulnerabilidade profunda

clássicos da política moderna, não basta: é necessário que o soberano garanta também a possibilidade da felicidade.

A GRANDE DISCUSSÃO EM ITÁLIA hoje é quando (e como) será reativada uma reaproximação da normalidade. Sem pensar que a ideia do retorno poderá nunca concretizar-se. O que faz que todos mergulhemos num poço nostálgico. Qual será o conhecimento resultante desta fragmentação que vivemos? Quem leciona diariamente de casa, como eu, talvez possua antenas mais orientadas para enxergar o futuro próximo. O nosso trabalho de professores está garantido sem grandes diferenças pela migração que ocorreu do formato presencial àquele *online*. Percebe-se no entanto que a relação com os alunos curiosamente mudou, mais próxima na maior distância. Há uma expectativa forte de encontro na sala virtual, há uma procura de contacto, de eliminação de muros e distâncias. Parece paradoxal, mas a dependência total da técnica que nos torna mais vulneráveis funda outras possibilidades de estarmos juntos mesmo que separados. *Online* os alunos perdem timidez e hesitações e tornam-se mais ágeis e dialógicos.

que, além do mais, inclui uma percentagem considerável de imigrantes entre os quais, talvez a maioria, cidadãos da União Europeia. Os que o Brexit tenciona mandar às urtigas, mortos ou vivos. Ao sair do hospital, o primeiro-ministro assinalou especialmente uma enfermeira neozelandesa e um enfermeiro português a quem deve a vida. Sim, ótimo, mas que concluir disso?

Boris Johnson é um homem com sorte. Até teve sorte no enorme azar de adoecer com o vírus, criando uma generalizada e totalmente justificável preocupação nacional pela sua sobrevivência. E não só porque os “timoneiros” alternativos com quem prudentemente se rodeou no governo são notoriamente incompetentes, mas também, ou sobretudo, porque a sua doença demonstrou que a epidemia é para todos, é uma unificadora causa democrática. E que portanto ter-se curado, como se numa reconfortante ressurreição pascal, deve ser um motivo de esperança para todos.

Bom, está bem, basta de maldades de mau gosto. A culpa é do vírus, da quarentena e do Álvaro de Campos. Mas entretanto, e o Brexit, de que agora já ninguém fala? Com a União Europeia também em colapso viral e sem melhor futuro económico no horizonte, será que continuará a ser um problema relevante se o Reino Unido vai estar dentro ou fora? Vai haver fora e dentro? Ou, como me dizia uma boa amiga num devidamente incontaminado telefonema há poucos dias, “ah, que saudades do Brexit!” .JL.

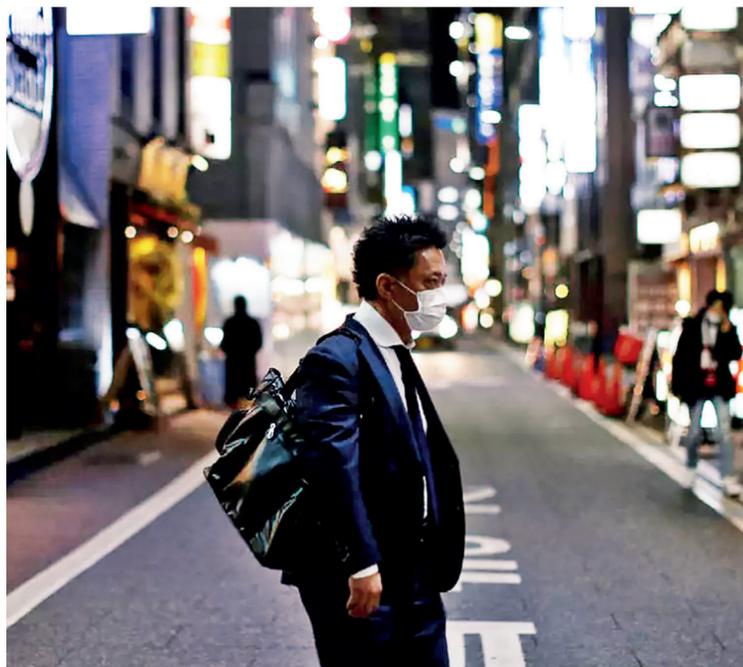
As universidades, como a minha, Bolonha, nunca investiram grandes recursos na didática à distância. Consideraram-na sempre com desconfiança uma espécie de subproduto. Agora a atitude mudou, as governâncias abordam o novo cenário virtual como uma oportunidade. Não se apercebem de que o que agora estamos a fazer não é *e-learning*, mas um arremedo determinado por circunstâncias e urgências. O *e-learning* efetivo requer tecnologias e capacitações específicas, como muito bem atestado pela tradição das Open Universities. A “claustrosfia” mostra, como Gramsci numa carta a Tânia expõe muito bem, a “corpulência do tempo, quando o espaço não existe mais”. Um mundo de qualquer modo outro está a abrir-se para o futuro próximo. Cabe a nós, que devemos imaginá-lo, fazer com que possa ser um pouco mais justo, solidário e aberto daquele de que acabamos de sair. .JL.

**Roberto Vecchi, presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, é prof. catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade de Bolonha, titular da cátedra Eduardo Lourenço e investigador do CES, da Universidade de Coimbra*

Japão

A voz do céu

RICARDO ADOLFO



Tóquio de máscara



Ricardo Adolfo

O bizarro tomou conta dos nossos dias e em breve será banal, de certo vamos encontrar juntos outra forma de sermos todos felizes

mentos. Escondido debaixo de dois garruços, uma máscara XL e luvas descartáveis, caminho rápido com medo que a voz me descubra e me repreenda do alto da sua autoridade. A noção de urgente ficou por clarificar e se ela me perguntar lá de cima - olhe desculpe, o senhor dos garruços, o que é que vai fazer hoje que não poderia fazer amanhã? Não sei o que lhe responder de volta. Se calhar fugia, corria rua fora até encontrar 30 centímetros vazios entre dois prédios onde me pudesse esconder até a voz decidir ir aterrar outro. Ou então enchia-me de coragem e perguntava-lhe como é que tinha sido o seu dia. Agora que todos somos um pouco *hikikomori*, a reclusão é sempre um bom início de conversa. É provável que a voz também precise de desabafar. Apresentar as piores notícias do mundo ao planeta todos os dias não é a melhor estratégia para ser popular.

Quando olho para o céu, calculo que a voz saiba que a achamos bizarra. Mas como o bizarro tomou conta dos nossos dias e em breve será banal, de certo vamos encontrar juntos outra forma de sermos todos felizes. .JL.

**Ricardo Adolfo, escritor (autor de três romances, um livro de contos e outro de crónicas) e publicitário, radicado no Japão, em Tóquio, há anos, depois de de Macau e da Holanda*

|| Tóquio. Dez horas da manhã e zero segundos. A voz da senhora vinda do céu deixa cair as mesmas palavras de ontem. O estado de emergência foi declarado e não devemos ir à rua, a não ser em casos urgentes. As palavras fazem eco por entre as torres da cidade e caem nas ruas desertas, cheias de lojas vazias. Entram-nos pela janela devagar, uma de cada vez, como quem pede licença por vir acordar a angústia. Não são palavras comuns. Foram escolhidas da caixa mais solene coberta de pó. E a voz repete tudo mais uma vez. Quem quiser certificar-se pela terceira vez pode ligar 03-5401-0742. É atendido por uma melodia de embalar e pode ouvir as mesmas palavras vezes sem conta.

Não sei se a voz é humana. Não sei se gosta do que faz ou sonhava ser artista de circo quando era adolescente. Não sei se gosta mais de ramen ou soba. Na sua biografia oficial diz apenas que nasceu para nos avisar de cheias, terremotos, poluição atmosférica ou outros desastres naturais iminentes. Nasceu para dizer aquilo que ninguém quer ouvir e muito menos dizer. Tem uma missão ingrata e não deve ter muitos amigos. Para compensar, todos os dias às cinco horas em ponto toca uma melodia infantil. Um aviso para os mais pequenos deixarem de brincar nos baloiços do parque e fazerem-se a casa que são horas de ir lanchar e tomar banho.

Calculo que depois da sua boa ação do dia se retire até à manhã seguinte, e vou em busca de manti-

Prémio Literário Maria Rosa Colaço de 1 de abril a 31 de maio 2020 literatura juvenil

A Câmara Municipal de Almada promove a 15.ª edição do Prémio Literário Maria Rosa Colaço, com o objetivo de incentivar a criatividade literária premiando uma obra inédita de um autor português nos domínios da Literatura Infantil e Literatura Juvenil. Literatura juvenil é o género literário a concurso em 2020.

VALOR DO PRÉMIO

€ 5.000,00 (Cinco Mil Euros)

O prazo decorre de 1 de abril a 31 de maio 2020

OS ORIGINAIS DEVEM SER REMETIDOS, POR CORREIO, PARA:

Secretariado dos Prémios Literários
Biblioteca Municipal de Almada
Fórum Romeu Correia
Praça da Liberdade,
2800-648 Almada
Informações Tel. 212 724 92



Regulamento disponível:
www.m-almada.pt/bibliotecas

